

CRÍTICA BIBLIOGRÁFICA

MIKE DAVIS

Planet of slums

New Left Review, London, n. 26, Mar.-Apr. 2004.

por

MÁRCIO MORAES VALENÇA

Departamento de Geografia
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
marciovalenca@ufrnet.br

O PLANETA DAS FAVELAS¹

Em meados do século XIX, Friedrich Engels publica sua magistral obra sobre *A situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. Em destaque, Engels analisa os problemas de insalubridade das habitações e dos bairros proletários nas principais – e mais ricas – cidades do Reino Unido: Londres, Birmingham, Leeds, Liverpool e, em particular, Manchester, segunda cidade da Inglaterra e primeira cidade industrial do mundo.

Engels (1988) percorre, durante 20 meses, as ruas dessas cidades, observando, em cada detalhe, as condições mais degradantes – que ele denomina “guerra social” – sob as quais vivem, não porcos, mas seres humanos: a classe trabalhadora britânica. Trata-se, como ele próprio afirma, dos “bairros de má reputação”. Nesses bairros, apinham-se as famílias, em pequenas casas de “três a quatro cômodos”, não sendo incomum elas ocuparem apenas um cômodo. As ruas não são pavimentadas: “são sujas, cheias de detritos vegetais e animais, sem esgotos nem canais de escoamento, [...] semeadas de charcos estagnados e fétidos” (ENGELS, 1988, p. 38). Em maior detalhe, refere-se à moradia proletária, da seguinte forma:

Regra geral, as casas dos trabalhadores estão mal implantadas, mal construídas, mal conservadas, mal arejadas, úmidas e insalubres; nelas, os habitantes estão confinados a um espaço mínimo e, na maior parte dos casos, *num* cômodo dorme pelo menos *uma* família inteira. A disposição interior das casas é miserável; chega-se num certo grau à ausência total dos móveis mais indispensáveis. (ENGELS, 1988, p. 88)

¹ No texto da resenha se faz um contraponto entre Davis e o clássico texto de Friedrich Engels: *Situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1988.

Referindo-se ainda a Manchester, Engels (1988) escreve:

A própria cidade está construída de uma maneira tão peculiar, que podemos habitá-la durante anos, sair e entrar nela cotidianamente sem nunca entrevermos um bairro operário nem sequer encontrarmos operários, se nos limitarmos a cuidar dos nossos negócios ou a passear.

E acrescenta:

[...] isto deve-se principalmente ao fato de os bairros operários – quer por um acordo inconsciente e tácito, quer por intenção consciente e confessa – estarem separados com o maior rigor das partes da cidade reservadas à classe média [...] (ENGELS, 1988, p. 56-57).

Engels enfatiza esse aspecto da segregação entre ricos e pobres, mais adiante, ao ressaltar que os ricos “podem atravessar os bairros operários pelo caminho mais curto, em direção aos seus escritórios no centro da cidade, sem sequer notar que estão ladeados, à direita e à esquerda, pela mais sórdida miséria”. Tal segregação, Engels descreve como “uma arte tão delicada em mascarar tudo o que pudesse ferir a vista ou os nervos da burguesia”.

Esses bairros, com frequência, localizam-se em terrenos acidentados, próximos a rios e riachos, ao longo dos quais a água – como em Manchester – fica estagnada, escura “como o breu e de cheiro nauseabundo, cheio de imundices e de detritos” (ENGELS, 1988, p. 62). Além disso, à montante do rio, localizam-se fábricas que lançam detritos e esgotos humanos. O lixo é jogado e se acumula formando montes nas ruas, nos pequenos pátios que sufocam entre as casas “comprimadas umas contra as outras”. Estando a sotavento das áreas industriais, recebe toda a fumaça e fuligem. “Esta fumaça os operários que a respirem sozinhos”, protesta Engels (1988, p. 72). Nessas áreas, os ricos, com razão, não pensam em construir suas habitações elegantes, por isso sobram esses terrenos para que especuladores edifiquem casas operárias, para aluguel, com um mínimo de recursos e o máximo de economia, daí resultando a má qualidade das construções.

À moda inglesa, os construtores alugam os terrenos por 20, 30, 50 anos ou mais, ao final dos quais os terrenos devem ser devolvidos aos proprietários com todas as benfeitorias neles instaladas. Por essa razão, as construções realizadas não são planejadas para durar mais do que o necessário. Os “empreiteiros” querem ter o mínimo de despesas.

Pelo contrário: onde ainda havia uma parcela de terra livre construiu-se uma casa; onde ainda havia uma saída supérflua ergueu-se um muro; o valor fundiário aumentou com o desenvolvimento industrial e quanto

mais se elevava, mais freneticamente se construía, sem a menor preocupação com a higiene e o conforto dos habitantes, com a única preocupação de obter o maior lucro possível e de acordo com o princípio: *por pior que seja um casebre, há sempre um pobre que não pode pagar um melhor.* (ENGELS, 1988, p. 66; grifo do autor)

Os “empreiteiros” ocupam as áreas onde os ricos não têm interesse de morar, construindo intensivamente casas para aluguel para a classe operária, economizando nos materiais e no tamanho das casas que, comumente, abrigam mais de uma família. Segundo Engels:

[...] a quase totalidade dos 350 mil operários de Manchester e dos seus arredores habita em casas em mau estado, úmidas e sujas; que as ruas por onde têm de passar estão na maior parte das vezes num estado deplorável e extremamente sujas e que foram construídas sem o menor cuidado de ventilação, com a única preocupação do maior lucro possível para o construtor. Nas habitações operárias de Manchester não há limpeza nem conforto, e portanto não há vida familiar possível; só uma raça desumanizada, degradada, rebaixada a um nível bestial, tanto do ponto de vista intelectual como moral, fisicamente mórbida, poderia sentir-se à vontade e sentir-se em casa. (ENGELS, 1988, p. 77)

A tudo isso deve-se acrescentar que não há qualquer garantia de que os operários – mesmo os “melhores” e que “vivem bem” – terão condições de manter seu padrão de vida, seja ele qual for. A instabilidade da situação do emprego do trabalhador pode levá-lo a “percorrer todos os degraus da escala, do relativo conforto à extrema necessidade, e até correr o perigo de morrer de fome”. E Engels (1988, p. 88) conclui acrescentando: “não há operário inglês que não tenha muito que dizer sobre os grandes reverses da sorte”.

Em um de seus trabalhos mais recentes, publicado na edição de abril de 2004 da *New Left Review*, um dos principais veículos acadêmicos de divulgação do pensamento marxista, Mike Davis, autor de diversas obras importantes – inclusive do premiado *Cidade de Quartzos*, livro que, de olho no passado, analisa os prospectos para o futuro de Los Angeles, sua cidade natal –, escreve sobre o “planeta das favelas” (*planet of slums*).

Davis inicia seu artigo – e aqui eu me permito traduzir livremente o primeiro e vários outros parágrafos do texto – fazendo a seguinte previsão:

Em algum momento no ano que vem, uma mulher irá dar à luz na favela de Ajegunle em Lagos, um jovem irá partir de sua vila no oeste de Java buscando um futuro mais iluminado em Jacarta, ou um camponês irá

residir com sua empobrecida família em um dos inúmeros *pueblos jóvenes* de Lima. O evento específico não é importante e passará inteiramente despercebido. No entanto, este irá se constituir num divisor de águas para a história humana. Pela primeira vez, a população urbana da terra será maior do que a rural. Aliás, dadas as imprecisões dos censos do terceiro mundo, essa transição pode já ter ocorrido (DAVIS, 2004, tradução nossa).

A transição para uma sociedade mundial urbana é o ponto de partida para a pouco otimista argumentação que Davis elabora ao longo do texto. Num mundo de crescentes desigualdades, a população tende cada vez mais a se urbanizar, procurando na cidade melhores condições de vida que não consegue obter no campo. Tendo na cidade suas expectativas frustradas, a população de pobres não tem outro consolo a não ser residir nas áreas de favelas.

Logo de início, e acertadamente, Davis credita a responsabilidade pelo desenvolvimento extenuante da desigualdade, ocorrido a partir do final da década de 1970, à “violência do ajuste” (programas de ajustamento estrutural), implementado por exigência de agências públicas internacionais – em particular, as do *Consenso de Washington*, como o FMI e o Banco Mundial, e a OMC –, com o seu perfil neoliberal exacerbado. Os anos 1980 constituem assim o marco para o crescimento excepcional das *favelas* (slums) no terceiro mundo e, acrescentando, diz serem os anos 1990 aqueles em que preponderou – após todas as transformações institucionais e políticas no cenário internacional da década anterior – o paradigma neoclássico da liberdade do mercado. Davis encontra, em trabalho de pesquisadores do próprio corpo das Nações Unidas, pesquisa cujos dados utiliza como pano de fundo da sua análise, o reconhecimento dos males que produziu a implementação rígida, nos países do terceiro mundo, do *Consenso de Washington*. Para os adeptos deste, a justificativa é de que a origem do problema da pobreza estaria na má gestão pública e não no problema da desigualdade.

O *Consenso de Washington* prescreve uma série de medidas para retirar o Estado da economia e estabelecer o mercado como carro-chefe desta. Entre elas encontram-se a abertura comercial, a privatização e as reformas do Estado, dos partidos e das leis trabalhistas. Davis argumenta que, no processo de crescimento urbano mundial, foi de particular importância a política de “desregulação da agricultura”, que teria provocado o “desligamento” do homem do campo. Em diferentes países, essa desregulação implicou a mecanização, a importação de alimentos, a implantação do modelo do agronegócio, o que gerou uma maior

concentração fundiária. Em alguns casos, guerras civis e secas prolongadas também ajudaram na manutenção do êxodo rural, como bem aponta, mesmo quando as cidades já não tinham o dinamismo industrial criador de emprego.

Em outras palavras, nas décadas de 1980 e 1990, o crescimento urbano intensificou-se mesmo em meio a uma economia urbana estagnada. É daí a origem da “urbanização da pobreza” ou, como também se refere o autor, da “pobreza temerária”. Como a economia urbana não comporta todos os ingressantes do campo, a *favela* se torna o destino para essa população. Definidas, grosso modo, como os locais da habitação informal e pobre, da insegurança da posse, cujo acesso à água potável e ao sistema sanitário é inadequado, as favelas constituem as antíteses dos “...parques temáticos residenciais” ou “outro mundo”, nos quais hoje preferem residir as classes médias globais. “A ecologia da favela [...] tem a ver com a oferta de espaços para assentamento”. Assim:

Os pobres urbanos, em todo lugar, são forçados a se assentar sobre terrenos perigosos e não edificáveis – em barrancos, margens de rios e alagados. Da mesma forma, invadem as sombras mortais de refinarias, indústrias químicas, lixões tóxicos, ou as margens de ferrovias e rodovias. A pobreza, como resultado, tem “construído” desastres urbanos sem precedentes [...].

Segundo os dados das Nações Unidas de que Davis se utiliza, as favelas abrigam 78,2% da população urbana dos países pobres, ou seja, um terço da população urbana global. Das 250 mil favelas existentes em todo o mundo, 85% delas constituem ocupações “ilegais”:

[...] são os *bustees* de Kolkata, os *chawls* e *zopadpattis* de Mumbai, os *katchi abadis* de Karachi, os *kampung*s de Jacarta, os *iskwaters* de Manila, os *shammasas* de Khartoum, os *umjondolos* de Durban, os *intra-murios* de Rabat, os *bidonvilles* de Abidjan, os *baladis* do Cairo, os *gecekondus* de Ankara, os *conventillos* do Quito, as *favelas* do Brasil, as *villas miséria* de Buenos Aires e as *colonias populares* da Cidade do México.

O não crescimento e a não prosperidade transformaram a cidade num “lixão” para a população excedente. Esta, com baixa qualificação para o trabalho, passou a alimentar o setor “informal” da indústria e serviços. Davis explica:

A tendência real da macroeconomia do trabalho informal [...] é a reprodução da pobreza absoluta. Mas, se o proletariado informal não é a menor das pequenas burguesias, nem é um “exército industrial de reserva” ou um “lumpen proletariado”, em qualquer sentido obsoleto do

século XIX, parte deste é, certamente, uma força de trabalho segura para a economia formal e muitos estudos têm mostrado como as redes de subcontratação da Walmart e outras mega-empresas se infiltram na miséria das favelas. Porém, de toda forma, a maioria dos moradores urbanos em favelas está verdadeira e radicalmente sem-teto na economia internacional contemporânea.

Trata-se de um “resíduo global” sem poder econômico e sem organização, concentrado num “mundo de favelas” ao redor dos enclaves fortificados dos ricos. Semelhante à maioria do proletariado inglês de Engels, na favela não há quem não tenha experimentado “[...] os grandes reveses da sorte”.

Verdadeiramente, a vida na favela é uma vida “em exílio”: “Seu palco social, necessariamente, deve ser a rua ou comércio da favela, não a fábrica ou linha de montagem internacional”.

Nesse sentido, a base para tal estado de coisas é a crescente desigualdade entre os países ricos e pobres, processo que foi levado ao extremo com a globalização dos anos 1980 e 1990. Se, em outros tempos, era possível fugir dos “reveses da sorte” imigrando para outros países, hoje há limites impostos à migração internacional através de verdadeiras “barreiras tecnológicas”. Em tal contexto, a pobreza extrema e o trabalho informal são produtos da “liberalização”. Davis fecha esse argumento apresentando a seguinte questão:

“Modernização”, “desenvolvimento” e, agora, o livre “mercado” cada um tem tido o seu dia. A força de trabalho de um bilhão de pessoas foi expulsa do sistema mundial, e quem pode imaginar qualquer cenário plausível, sob o neoliberalismo, que as reintegraria como trabalhadores produtivos ou consumidores em massa?

O cenário é por demais crítico para qualquer otimismo². Como diz Davis, a “esquerda” está ausente da favela, o crescimento urbano evolui de forma imprevisível e se observa que o mesmo ocorre com os “movimentos sociais”. É difícil saber qual o ponto de pressão sob o qual essas “cidades de pobreza” espontaneamente “entrarão em erupção”.

² Embora vincule diretamente o crescimento da desigualdade e de sua forma mais visível – a pobreza – ao Consenso de Washington, Davis deixa de fora da análise o próprio processo de empobrecimento e segregação de parcela crescente da população do primeiro mundo por ele próprio já analisado em trabalho recente nos EUA, ou melhor, já que esse processo diz respeito em grande medida à população de imigrantes nesses países: a população do terceiro mundo vivendo no primeiro.

Na ausência de uma válvula de escape, como as migrações internacionais, entram em cena o “islamismo populista”, em particular na África, e o “pentecostalismo cristão”, na América Latina e em algumas regiões da África sub-saariana. Esses movimentos parecem preencher, na favela, um espaço social que não é ocupado pelo Estado nem, como já foi dito, pela “esquerda”. Ao manterem escolas noturnas, distribuírem remédios, providenciarem enterros, fornecerem ajuda jurídica, entre outras coisas³, relacionam-se com as necessidades de sobrevivência dos favelados. No caso do pentecostalismo cristão, cuja origem se encontra em bairro pobre de Los Angeles, em 1906, Davis explica que sua popularidade se deve também ao papel relevante atribuído às mulheres e ao respeito às diferenças raciais. Trata-se da “primeira religião – em escala mundial – a crescer quase que totalmente nas favelas urbanas modernas”, além de ser “o maior movimento auto-organizado de pobres urbanos no planeta”.

Esses dois autores em foco estão separados por 150 anos de desenvolvimento capitalista: o primeiro, Friedrich Engels, filho da burguesia, escreve do centro hegemônico mundial do capitalismo de então, a Inglaterra; o segundo, Mike Davis, californiano de origem operária, escreve do centro hegemônico mundial do capitalismo de hoje, os EUA.

Eles, no entanto, têm muito mais em comum do que parece sugerir a rápida discussão feita anteriormente. Não se trata unicamente da estreita relação entre os conteúdos abordados nos trabalhos: a semelhança entre a “situação” do trabalhador inglês no século XIX e a condição atual do favelado do terceiro mundo. Refiro-me à maneira como ambos percorrem as realidades analisadas com exemplos pontuais, em detalhe, mostrando que o método de Marx – tanto na sua origem como atualmente – não se restringe (como argumentaria o famoso sociólogo Peter Saunders, um dos cérebros da nova direita inglesa) aos grandes temas analisados em sua completude e num nível de abstração que, não raro, dificulta a compreensão do particular. Têm em comum a elegância do texto, o refinamento, a atenção, o olhar crítico e astuto sobre uma realidade desumana e degradante.

Têm também em comum o rigor científico e o detalhamento na descrição. Engels verifica o problema *in loco*; cita relatórios, notícias nos jornais, registros policiais; colhe depoimentos. Embora o pano de fundo seja o desenvolvimento desigual sob o capitalismo, a sua análise é mais localizada. Davis, cujo universo de análise é o terceiro mundo, utiliza variadas fontes de dados: são relatórios de organizações internacionais e bibliografia acadêmica recente.

³ Davis parece desconhecer o papel semelhante do crime organizado no contexto brasileiro, em especial nas favelas do Rio de Janeiro e São Paulo.

A conclusão mais imediata que se pode ter da leitura de ambos é de que o futuro do desenvolvimento urbano já estava escrito desde os primórdios do modo de produção capitalista. Como bem lembra Engels (1985) em outro trabalho, referindo-se à questão da moradia do trabalhador inglês (e, de certa forma, respondendo, 150 anos antes, à questão levantada por Davis):

[...] não poderia existir sem crise de habitação uma sociedade na qual a grande massa trabalhadora não pode contar senão com um salário e, portanto, exclusivamente com a soma de meios indispensáveis para sua existência e para a reprodução de sua espécie; uma sociedade onde os aperfeiçoamentos da maquinaria, etc., lançam constantemente massas de operários para fora da produção; onde o retorno regular de violentas flutuações industriais condiciona, por um lado, a existência de um grande exército de reserva de operários desocupados e, por outro lado, lança à rua periodicamente grandes massas de operários sem trabalho; onde os operários se amontoam nas grandes cidades e, na verdade, muito mais rapidamente do que nas presentes circunstâncias, são construídas moradias para eles, de sorte que podem sempre encontrarse na situação de arrendatários da mais infecta das pocilgas; por fim, uma sociedade na qual o proprietário de uma casa tem, na sua qualidade de capitalista, não somente o direito, mas também, em certa medida, até o dever de exigir sem consideração os aluguéis mais elevados. Em semelhante sociedade, a crise de moradia não é de modo algum um fenômeno casual; é uma instituição necessária, onde não poderá desaparecer, com suas repercussões sobre a saúde, etc., senão quando toda a ordem social que a fez nascer seja transformada pela raiz. (ENGELS, 1985, p. 137)

Para quem não acredita no destino, essa é uma conclusão desoladora.

REFERÊNCIAS

ENGELS, Friedrich. *Situação da classe trabalhadora na Inglaterra*. São Paulo: Global, 1988.

_____. Contribuição ao problema da habitação. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Obras escolhidas*. São Paulo: Alfa-ômega, 1985. p. 105-182. v. 2.

Recebido em 05/08/2005

Aceito em 15/01/2005